

As Narrativas sobre o “Progresso” no jornal *Rivale* no contexto da construção da Barragem de Sobradinho (1972-1973)¹

Rafhael NOBRE²

Andréa Cristiana SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia, BA.

RESUMO: Este artigo analisou a retórica discursiva do jornal *Rivale* – Renovação e Integração no Vale -, que circulou em Juazeiro (BA), promovendo o debate público a respeito da construção da Barragem de Sobradinho (BA), nos anos de 1972 e 1973. Como percurso metodológico, consideramos o jornal como fragmento para entender sua relação com o passado em uma perspectiva de uma micro-história da comunicação. Para tanto, fez-se uma pesquisa documental na qual foram investigadas as práticas jornalísticas mediadas por rituais de imparcialidade na divulgação da ideia de “progresso”. O jornal funcionou como aparelho ideológico do Estado, utilizando-se de uma retórica discursiva para representar os interesses das elites locais, apesar da ambivalência de parte desse discurso representado por algumas vozes de colunistas.

PALAVRAS-CHAVE: História do Jornalismo; debate público; progresso; análise do discurso.

Entre 1972 e 1980, cerca de 70 mil pessoas foram obrigadas pelo Estado através da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) a se retirarem dos seus espaços de convivência, referência e sociabilidade para dar lugar a leva de água que comportaria a Barragem de Sobradinho (LIMA, 2004, p.13). A obra atingiu o território de seis municípios baianos - Juazeiro, Sento-Sé, Xique-Xique, Casa Nova, Remanso e Pilão Arcado- que foram inundados para a formação de um lago artificial de 4.214 Km², 350 km de extensão e 10 a 40 km de largura (COSTA, 1990).

Criada para regularizar o fluxo de água necessário para gerar energia na Usina de Paulo Afonso, a barragem de Sobradinho, distante 50 km da cidade de Juazeiro, na Bahia, fez parte da política desenvolvimentista assumida pelo governo militar na década de 1970, cuja retórica discursiva consistia em levar o “progresso” às regiões menos

¹ Trabalho apresentado na II01 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Aluno do Curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, e-mail: rafhaelnobre@hotmail.com. Bolsista financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

³ Professora do curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia e Doutora em Comunicação e Cultural (UFRJ) e-mail: andcsantos@uneb.br

desenvolvidas do país (ESTRELA, 2004, p.93). Segundo a autora, o Governo Federal por meio do Ministério de Minas e Energia, avaliava que a região apresentava desenvolvimento econômico inexpressivo, devido aos períodos prolongados de estiagem e pela existência de terras áridas. Assim, além da perspectiva da obra de promover o progresso econômico, as ações do Estado, segundo Rabelo (2014), almejavam conectar o país à economia internacional, à custa de empréstimos, reforçando o discurso nacionalista e mantendo o controle político em negociação com as elites locais.

É nesse contexto que surgiu o jornal *Renovação e Integração do Vale - Rivale*. Criado em março de 1972 por profissionais liberais como o economista Flávio Luiz Ribeiro Silva, o agrônomo Jorge Khouri Hedaye e o físico Paganini Nobre Mota, o jornal se consolidou entre a burguesia⁴ local, sendo considerada a “nova etapa da imprensa interiorana” (RABELO, 2014). Outros nomes também formaram o quadro de fundadores do jornal juazeirense. Segundo Rabelo (2014), Ermi Ferrari, ex-barqueiro, e Walter Dourado, comerciante e autodeclarado historiador, colaboraram com artigos publicados nas colunas e são importantes para compreender a formação do jornal juazeirense.

Portanto, este artigo apresenta resultados parciais do projeto de iniciação científica “A construção da Barragem de Sobradinho e o debate público no Jornal Rivale (1972-1980)⁵”, que investiga como o jornal *Rivale* se utilizava da dimensão textual e de práticas jornalísticas para se posicionar favorável à construção da obra, a partir de uma perspectiva do “progresso”. Este estudo se insere no campo da história da imprensa abordando a trajetória do *Rivale* no contexto de uma micro-história da comunicação a partir da noção de fragmentos e rastros para analisar os processos micro e macrosociais relacionadas às práticas jornalísticas (SANTOS, 2016).

A noção de rastro é compreendida no contexto do circuito de comunicação. Os produtos comunicativos estabelecem uma intrínseca relação do texto com o seu referente, como afirma Marialva (2010). Essa relação produz rastro que permite que as mensagens do passado possam chegar até o presente e que sejam interpretados pelo pesquisador na sua dimensão narrativa como ações de comunicação. A pesquisa seguiu a abordagem

⁴ O termo burguesia se refere à elite local formada por grandes comerciantes e profissionais liberais.

⁵ A pesquisa está inserida no projeto Tempo e História da Imprensa do Polo Juazeiro-BA e Petrolina-PE, sob a coordenação da professora Andréa Santos. A pesquisa utiliza material documental no Acervo Maria Franca Pires, localizado no Departamento de Ciências Humanas, Campus III, Juazeiro, Bahia.

quantitativa, com a produção de inventário⁶ do jornal (BARBOSA E MOREL, 2005), para compreender as características do periódico como a identificação do nome dos profissionais e colaboradores do jornal, como redatores, cronistas e colunistas; número de páginas e a presença de imagens, anúncios publicitários, e a publicação de determinados conteúdos.

Após a finalização do inventário, foi utilizada análise do discurso para o entendimento das formações discursivas e ideológicas. Como referências, utilizaremos os conceitos de Fiorin (1988) em sua análise sobre linguagem e ideologia, e as obras de Brandão (1994) e Carvalho (2012), tomando como base a exterioridade como marca fundamental para o entendimento das formações discursivas. Para Brandão (1994), as formações discursivas compreendem o espaço no qual os enunciados são formados e reformulados para reforçar uma ideia. Entendemos ainda que se faz necessário uma reflexão mais ampla da linguagem, que leva em consideração o fato de que ela é uma instituição social que compartilha ideologias e serve como mediação entre os homens.

Assim, foram analisadas as edições do ano de 1972 a 1973, na qual foram inventariadas 33 edições do *Rivale*, das quais 25 trazem referências ao tema que refletiam perspectivas do debate público a respeito da construção da obra. Para este artigo, destacamos às edições 47 e 48 do ano de 1973 com ênfase nos artigos do cronista Walter Dourado. Tal análise se fez necessária para entendermos a maneira pela qual o jornal deu visibilidade às opiniões que estravam circunscritas à obra. O jornal foi considerado um fragmento, artefato que nos chegam ao presente pelo conjunto de materiais produzidos em um passado e em determinadas condições (LOWENTHAL, 1998).

***Rivale* e o projeto de modernização da imprensa local**

Posicionando-se atento às questões sociais consideradas mais urgentes, o *Rivale* se lançou como o porta-voz da população para levantar a bandeira do progresso, conceito associado pelo jornal ao desenvolvimento dos municípios de médio porte. No ano de

⁶ Os inventários foram produzidos a partir dos jornais *Rivale* encontrados no Acervo Maria Franca Pires. Vale lembrar que no acervo, não encontramos todas as edições do ano de 1973. Mesmo assim as 29 edições disponíveis nos ofertam excelente percurso de investigação.

1970, a cidade tinha poucos mais de 61 mil habitantes⁷. Divulgando variados temas, relacionadas à política local, o *Rivale* surgiu num período de transformações tecnológicas que mudaram o modus operandi das redações, apresentando características de uma qualidade técnica mais elaborada, se comparada aos jornais locais como o *Pharol* (1915-1989) e o *Tribuna do Povo* (1957-1964), que circularam nas cidades de Petrolina, PE, e Juazeiro, Bahia.

Tais transformações são decorrentes de um processo que começou na década de 1950, quando iniciou um processo de modernização com mudanças que perpassaram o campo social, político e cultural (RIBEIRO, 2007). Dessa maneira, as transformações que aconteceram na sociedade brasileira também deixaram marcas que transformaram a mídia, cujos processos tecnológicos e editoriais, segundo a autora, colocaram-na no rumo da profissionalização. Assim, o jornalismo brasileiro passou a assumir um caráter empresarial depois da ascensão do capitalismo e do modelo de desenvolvimento nacional adotado pelo Estado.

No contexto da imprensa de Juazeiro, o *Rivale* era o único jornal que circulava na cidade após a interrupção da *Tribuna do Povo*, em 1964, e *Esporte* (1967), periódico editado por José Diamantino Assis (SANTOS, 2016). Ao ser criado, o jornal *Rivale* se destacou como periódico criado no contexto da ditadura militar e de modernização da imprensa local. A linha editorial fazia referência à defesa do progresso e das políticas públicas desenvolvimentistas para as cidades de médio porte, como se observa no exemplo abaixo, publicado na 10^a edição do jornal de 15 de julho de 1972, em comemoração aos 94 anos de emancipação política da cidade de Juazeiro.

“O surto de desenvolvimento que Juazeiro vem atravessando nos últimos anos, consolidando sua posição de município líder da região do São Francisco, foi a principal razão para o surgimento do RIVALE. É lógico que precisávamos de um órgão capaz de levantar a bandeira do nosso progresso, porta-voz dos anseios da população da região, levando a todos os recantos da Pátria a mensagem de um povo empenhado na construção do futuro” (RIVALE, 10^a edição, 1972, p1).

A busca pela modernização do jornal pode ser verificada na utilização de recursos gráficos, produção de cadernos especiais, além do uso de imagens ilustrativas e de uma

⁷ Dados do Anuário Estatístico do Brasil a respeito da população ujazeinse- Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=720>

melhor organização na forma como eram dispostas as notícias. Desde a cobertura da política aos aspectos comuns das sociedades juazeirense e petrolinense, como esporte e sociedade, ao predomínio de notícias econômicas, diversos assuntos ganharam destaque nos oito anos que esteve em circulação. Mas a temática ligada à construção da barragem de Sobradinho foi predominante.

Utilizando-se de um discurso em defesa do “progresso”, o *Rivale* demonstrou ser fortemente ligado aos interesses das elites políticas desde o princípio. Contudo, tal discurso adotado pelo *Rivale* procurava incorporar processos de modernização e profissionalização do campo jornalístico, que buscou construir sua autonomização em relação ao discurso literário e político predominante na fase inicial da imprensa brasileira, como analisado por Ana Paula Goulart Ribeiro (2010).

Nesse sentido, os jornais começaram a ser pensados como um lugar neutro e sendo reconhecido como um “gênero de estabelecimento de verdades”, como defende Ribeiro (2010), não circunscrito ao literário, ao artigo de fundo, ao gênero opinativo predominante no início do século XX. O jornalismo adotou práticas discursivas advindas, sobretudo, do jornalismo norte-americano como os paradigmas da objetividade e imparcialidade que foram incorporados pelos jornais brasileiros a partir dos anos 1950. As técnicas jornalísticas norte-americanas estimularam a adoção de restrições formais, adotando estilo sintético no formato das notícias e na incorporação do lead, aumentando a comunicabilidade das mensagens.

Nos inventários realizados, identifica-se a publicação de notícias e imagens e a produção de cadernos especiais. Os textos não podem ser interpretados sem pensar a relação contextual dos sujeitos políticos e a população, inclusive os impactos sociais e ambientais invisibilizados na retórica discursiva do jornal. Trata-se de uma questão central na pesquisa que foi sendo identificada com os inventários e a análise discursiva, assim como a existência de discurso repleto de contradições e de ambivalências a respeito da construção da barragem de Sobradinho.

Um exemplo é o caderno especial “Sobradinho em Destaque”. Com 10 páginas, o caderno foi distribuído na 30ª edição, de 15 de abril do ano de 1973. No texto de abertura, o jornal destaca que o caderno especial está circulando para tratar do tema ligado à barragem de Sobradinho. Observa-se que o jornal recorre à narrativa do progresso para dar ênfase à obra, naturalizando e invisibilizando a situação dos ribeirinhos, como no exposto abaixo:

É verdade que algumas cidades irão desaparecer para dar lugar a um grande lago formado pelas águas represadas. Mas a coisa não é tão drástica como se anuncia. As providências cabíveis e humanas estão sendo tomadas para que ninguém fique desabrigado ou prejudicado (RIVALE, 30^a edição, 1973, p1).

Este movimento de supressão e invisibilidade das populações ribeirinhas pode ser observado na produção retórica do jornal em outros momentos. Voltando a análise do caderno especial, observa-se que esta invisibilidade também está presente no relatório enviado em 14 de junho de 1972 pelo engenheiro responsável da construção da barragem, Eunápio Peltier de Queiroz, ao Presidente das Centrais Elétricas Brasileiras S/A, Mário Penna Bhering. Tal relatório de teor “confidencial” ganhou os destaques do jornal RIVALE depois de ter sido lido na íntegra pelo Deputado Federal Jayro Sento-Sé na Assembleia Legislativa da Bahia em 5 de abril de 1973. No relatório são analisados os aspectos gerais da obra, além das características geográficas e sociais da região de Juazeiro. Ao se referir à população ribeirinha, o engenheiro argumenta que o habitante da região, especificamente o rural, é “extremamente pobre e subdesenvolvido”, condicionado ao rio:

“O “barranqueiro” é o homem totalmente condicionado ao rio que tudo lhe dá. Vive isolado e auto-suficiente. Analfabeto, sem usufruir qualquer benefício de comunicações de massas, seus contatos humanos restritos ao seu próprio nível, com os vizinhos e nas feiras, - sua mentalidade não pode evoluir, considerando-se primitivo, sem poder aquisitivo, sem aspirações, conformado e dominado pelo pavor ao desconhecido. Assim, agarram-se ao rio que lhe assegura a sobrevivência e às crenças que o confortam. – Além de tudo, com justa razão, profundamente sentimental para como seu rio, por afeição, - O VELHO CHICO. Socialmente é, pois um ser desvinculado, cultural e economicamente, do resto país”. (RIVALE, 30^a edição, 1973, p5).

No discurso de Peltier, verifica-se, portanto, que a voz da população esteve invisibilizada e o pensamento foi reproduzido por representantes das elites locais em outras ocasiões. Em artigo assinado na edição 52, de 15 e 16 de setembro de 1973, por Hailton Alves da Silva, o ribeirinho foi representado como alguém que tinha medo da obra e não estava preparado para receber os impactos favoráveis do “progresso” decorrente da magnitude do empreendimento.

“De há muito tem sido um dos motivos que vem se constituindo um bicho de sete cabeças, mormente para os ribeirinhos que choram, pranteiam, quando pensam em abandonar seus velhos berços que os viram nascer e iram para lugares outros por se determinar. Com efeito, Sobradinho nos trará ciclóticos benefícios, entretanto, muitos

obscurecem isso, particularmente, os habitantes das margens sanfranciscanas, dizem inclusive que esta “barragem desgraçada” vem nos matar, e não só a nós, como aos nossos bichinhos. Dou-lhe razões, pois não estão preparados para receber este benefício, e por que não esta dádiva (RIVALE, 52^a edição, 1973, p11).

Neste trecho acima, subentende-se que o autor estava ciente do temor da população com os impactos da obra e o possível deslocamento da população para outras regiões, como a Serra do Ramalho, próximo a Bom Jesus da Lapa, 700 km distante da barragem. Segundo Costa (1990), o trabalho de convencimento das famílias a serem realocadas iniciou em 1974, mas até maio de 1977, apenas 1013 famílias das 4.000 tinham aceitado sair dos seus espaços territoriais de referência.

Ao ler o texto, fica evidente o menosprezo à cultura ribeirinha e a relação da população com o espaço territorial e de referência social, os seus costumes e tradições. A intenção do autor foi demonstrar um alinhamento com o discurso das Forças do Estado e da ideia de progresso, representado no discurso de Peltier, para valorizar aspectos como a captação de recursos para região, como se percebe no trecho abaixo:

Nós, no entanto, já temos um certo grau de conhecimento, reconhecemos categoricamente que os frutos do progresso hão de brotar deste empreendimento que está convulsionando e atraindo a atenção nacional. Comprová-lo-emos mais tarde (RIVALE, 52^a edição, 1973, p. 11).

Como o debate público sobre a obra estava ocorrendo paralelo à própria construção, inclusive com realização de sessão na Câmara Municipal de Juazeiro ocorrida em 1973, outros discursos se fizeram presentes no jornal. É importante ressaltar, neste sentido, a contribuição do memorialista e historiador Walter Dourado e a coluna “História, Tradições e Comentário e Sugestões”. Desde a década de 1950, Walter Dourado participou como cronista dos jornais, como a *Tribuna do Povo*, escrevendo textos a respeito de aspectos históricos da cidade de Juazeiro. Essa produção resultou anos mais tarde na produção bibliográfica do livro *Juazeiro da Bahia à Luz da história* (1985).

O pensamento de Walter Dourado a respeito do progresso

Desde as primeiras publicações do jornal, Walter Dourado se colocou disponível para acompanhar as discussões em torno da obra na coluna “Histórias, Tradições,

Comentários e Sugestões. O primeiro texto é intitulado “Celeuma em torno da barragem de Sobradinho”, no ano de 1972.

No ano de 1973, nas edições 47 e 48, ele retornou ao tema com o artigo “A bacia fluvial do São Francisco e a barragem de Sobradinho”. Para esta pesquisa, é crucial entender como o cronista discutiu os impactos socioeconômicos da obra para a região, questionando em determinados momentos se o projeto era o mais recomendado para as condições socioespaciais da região.

Walter iniciou sua argumentação, afirmando que não costuma entrar em “seara alheia”, mas “a grande significação social dos problemas que envolvem a construção das barragens”, - aqui ele não especifica a barragem de Sobradinho- dão-lhe o direito de tecer comentários em torno do assunto. Para o autor, o uso, a utilização, o tratamento e as transformações a serem feitas nas bases fluviais obedeciam a alguns acordos e convenções de âmbito internacional.

Walter destacou que “o rio São Francisco abrange o envolvimento desta ordem” e o decreto número 3.749 de 1867, “faculta franca navegação internacional até Penedo, no Baixo Rio”. O cronista destaca que, o que concerne ao aproveitamento da queda d’água, foram estabelecidas algumas normas para conciliar os interesses dos diversos “Estados interessados”, sem prejuízos para as atividades particulares ou da comunidade em geral. Esta determinação foi prevista, em 1965, quando uma comissão de Estudos dos Juriconsultos para o Comitê Jurídico Latino-Americano elaborou um projeto que aconselhava a realização de um exame para analisar a questão do aproveitamento dos sistemas fluviais, estabelecendo recomendações que envolviam obras de sentido agrícola e industrial. Dentre as recomendações, Walter destaca o item 4: “essa utilização não deve prejudicar a navegação, nem causar prejuízos substanciais”.

Ao trazer essa discussão, Walter Dourado tinha consciência da importância econômica da navegação local e os interesses da elite política com a formulação de novos projetos para a região como a implantação dos projetos de irrigação que utilizariam a água do rio. Segundo Rabelo (2014), grupo de vozes concorrentes ao Projeto de Sobradinho eram veiculados no jornal juazeirense, entre eles estão o que defendiam as vantagens da obra, incluindo a regularização da vazão do rio; a agricultura irrigada a partir da criação do lago artificial, e outros grupos preocupados com a manutenção da navegação e a situação da população atingida. Nestes artigos, Walter se mostra porta-voz de um desses grupos como destacaremos.

Ao citar que existem normas e diretrizes internacionais, Walter enviou por um caminho de defesa a um projeto transparente, que não prejudique a navegação na região. Ele salientou que algumas considerações precisavam ser analisadas, “a fim de esclarecer algo obscuro, quanto à execução do Projeto da Barragem de Sobradinho”. O colunista considerava que não havia possibilidade de criar um plano unilateral, em detrimento de outros fatores e necessidades, e que cabe ao Governo, o exame e estudo necessários, como escreveu na 47ª edição, de 11 e 12 de agosto de 1973:

“Porque cabe ao Governo examinar os projetos e guiar o estudo no sentido de que favoreçam todos os setores. No caso da Barragem de Sobradinho, os três aspectos: a)- Aproveitamento da força hidráulica; b)- formação de um sistema de irrigação; c)- continuidade da navegação. É necessário, pois, que haja planejamento coordenado, sempre que estiver em jogo os interesses empresariais, das empresas públicas ou privadas, no sentido do aproveitamento dos cursos d’água, cachoeiras (RIVALE, 47ª edição, 1973, p 8).

Na 48ª da edição, de 18 e 19 de agosto, Walter continuou à reflexão, salientando que todo planejamento é atributo do Governo da União. O cronista defendeu que, em princípios econômicos sadios, “deve-se considerar que a melhoria das condições de vida é perfeitamente compatível com os conceitos de liberdade política e do direito de propriedade”, mas salientou que não se deve aceitar transformações que não coadunem com o conceito de “progresso e desenvolvimento com base na solidariedade humana”. Para o historiador não haveria progresso se a construção da obra trouxesse impactos negativos aos setores sociais, principalmente os vinculados aos interesses da manutenção da navegação. Mas, como verificamos nas edições anteriores analisadas, a linha editorial do jornal considerava que a obra atendia a lógica do desenvolvimento regional.

Neste sentido, é preciso compreender a função do jornal como aparelho ideológico do Estado para reforçar os interesses políticos e consolidar a política desenvolvimentista propagada pelo governo militar a partir da ideia de “progresso” que, para Dupas (2007), se constitui “o mito renovado por um aparato ideológico interessado em convencer que a história tem destino certo e glorioso”.

Analisando a conjuntura política da época é de suspeitar que o *Rivale* colaborou para reproduzir as políticas desenvolvimentistas propagadas pelo regime militar, cuja retórica do “progresso” se constitui como uma estratégia enunciativa para defender ou justificar o modelo de governo vigente.

Na década de 1970, no contexto de política desenvolvimentista, se opor a narrativa do progresso não era uma decisão comum, e muitas vezes difícil, como destaca Rabelo, ao analisar um poema de Joseph Bandeira, intelectual juazeirense, pertencente à elite local, em que suscitava os anseios do progresso.

“A margem de enunciação de Joseph Bandeira era, portanto, delicada, tendo em vista que, tratando-se de um projeto do regime militar, com uma ampla legitimidade social construída pelos discursos de engenheiros, de políticos e da imprensa, e com pouca possibilidade de crítica, a construção era celebrada junto com seus desdobramentos no sentido do esperado desenvolvimento do Vale, mesmo que o poeta quisesse fazer coro aos lamentos (RABELO, 2014 p. 107).

Talvez Dourado tenha passado pela mesma situação. Por isso, destacamos sua a coluna opinativa por evidenciar algumas vozes minoritárias que não tinham ganhado visibilidade no discurso jornalístico. Na coluna, Dourado chega a definir seu pensamento como possível “devaneio”, mas com a intenção de ressaltar aos executores da obra “pontos nevrálgicos” na questão do aproveitamento do potencial energético do Rio São Francisco.

Walter Dourado traz questionamento inclusive sobre novas possibilidades de aproveitamento do curso do rio, preservando a relação do ribeirão e o pertencimento ao território. Ele questiona: “Não seria possível a formação do lago fora do leito do rio?” Walter presume que sim, retomando o questionamento: “E por que não se preferiu desta forma, menos prejudicial aos interesses dos ribeirinhos?”.

Walter posteriormente estimulou o leitor a refletir o motivo de tantas variações no projeto, mudanças e indecisões. Para consolidar sua linha argumentativa, Walter parafraseia um comentário do professor Vasconcelos Sobrinho, em entrevista para a revista Realidade no ano de 1972, defendendo que com base nas condições ecológicas da região, uma superbarragem como a de Sobradinho seria inconveniente, devido aos altos índices de evaporação. Ele argumentou ainda que o ideal seria a construção de barragens médias, pois assim, não estariam sujeitas a grandes perdas com a evaporação:

“A solução, então, seria uma série de barragens médias que limitando os reservatórios praticamente à calha do rio, não estarão sujeitas à grandes perdas por evaporação e manterão a vazão do rio em condições ideais durante os meses de estio (RIVALE, 48ª edição, 1973, p8).

O autor concluiu que, desde o início, acompanhou as discussões em torno da obra, e avaliou que o rio poderia ser aproveitado de três formas – Navegação, Irrigação e energia - e esperava que o Programa Especial para o Vale do São Francisco (PROVALE) - se enquadrasse no esquema, “por ser o mais humano”. Nestas mesmas edições, podemos encontrar dois artigos de Ermi Ferrari que demonstravam uma preocupação com os modos de vida das populações que viviam às margens do rio São Francisco, como os beradeiros e barraqueiros. Assim, o pensamento de Walter Dourado representava grupos locais interessados em discutir a construção da Barragem de Sobradinho, preservando a navegação pelo rio São Francisco.

Considerações Finais

É perceptível que existem pensamentos distintos quanto à questão da construção da Barragem de Sobradinho que foram veiculadas no jornal. Quando se analisa a coluna de Walter Dourado, verifica-se que existe certo receio que a obra paralise a navegação e, de maneira argumentativa, o cronista defende que a atividade seja mantida, já que constituía à época uma das principais fontes de renda e comércio do Vale do São Francisco e que foi interrompida com a conclusão da obra.

Walter é uma figura emblemática que demonstra no seu discurso traços de ambiguidade. Consideramos que, ao mesmo tempo em que questiona o encaminhamento da obra, especificamente em relação à interrupção da navegação, há uma tentativa de não querer comprometer-se com as elites locais, ao qual ele era representante.

Mesmo assim, a partir dos inventários analisados, não se pode negar que o *Rivale* teve considerável contribuição na promoção do debate público, identificando a reiteração do tema da construção e do progresso e silenciando as questões relacionadas aos impactos sociais e ambientais. Nesse sentido, comprova-se que as formações ideológicas se materializam pelas formações discursivas, como destacou Fiorin. (1988). Tal afirmação anterior, nos leva a um outro debate quanto ao temo ideologia. Para Carvalho (2013), a ideologia consiste na abstração da realidade e na tentativa constante de eliminar as contradições da sociedade:

“Ideologia é a abstração invertida sobre a realidade. A ideologia organiza valores, pensamentos e sentimentos nos indivíduos. Diz respeito ao campo do senso comum, à tentativa de eliminar

aparentemente as contradições na sociedade e à procura por justificar estas diferenças. A transmissão deste modo de compreender o mundo, de valores que definem o que é prioridade para a vida dos indivíduos constitui-se como uma nova etapa do processo ideológico. O discurso se consolida apenas quando é construído por uma instituição ou por “Aparelhos Ideológicos do Estado” (CARVALHO, 2013, p 14).

De alguma maneira, é cabível a conclusão de que a elaboração de cadernos especiais e artigos opinativos voltados para a defesa da barragem de Sobradinho e do “progresso” fez parte do aparato necessário para se defender uma ideia, uma ideologia. A narrativa do “progresso” defendida pelo jornal serviu para colaborar com o regime militar, impondo ao imaginário social um conceito contraditório de “progresso” (RABELO, 2014) que inviabilizava as problemáticas de ordem econômica e social ligadas ao tema. Essa invisibilidade pode ser verificada quando o jornal apelava para a recorrente naturalização dos impactos sociais e ambientais advindos com a obra.

Assim, considera-se que existiu uma tentativa de suprimir aspectos de uma determinada realidade para sustentar uma estrutura de poder dominante. Como destaca Fiorin (1988, p. 73), isso ocorre porque “quando um enunciador pronuncia em seu discurso elementos da formação discursiva dominante, de certo modo, contribui para reformar as estruturas de dominação”.

Mesmo identificando que o jornal cumpriu a função de um aparelho ideológico, vozes minoritárias representadas pela população atingida estiveram implícitas nos artigos opinativos. Mesmo assim, o silenciamento ou a naturalização dos aspectos negativos da obra, como já foi exemplificado, representou uma tentativa retórica de dar legitimidade ao debate público a respeito da ideia de “progresso” suscitada pela construção da barragem de Sobradinho.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marialva; MOREL, Marcos. **História da imprensa no Brasil. Metodologia.** Disponível em www.redealcar.ufsc.br, acesso em 05 de maio de 2005.
- BRANDÃO, Helena. **Introdução à análise do discurso.** Campinas: Unicamp, 1994.
- CARVALHO, Guilherme. **Diretrizes para a análise de discurso em jornalismo.** Revista Uninter de Comunicação, ano 1, n. 1, Jun/Dez 2013. Disponível em:
<https://www.uninter.com/revistacomunicacao/index.php/revistacomunicacao/article/view/510/291><. Acesso em: 19 Set 2017.
- COSTA, Ana Luíza- **Barragem de Sobradinho: o desencontro cultural entre camponeses e técnicos do estado.** Rio de Janeiro: CEDI- Centro Ecumênico de Documentação e Informação.1990. Disponível em: <
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/384602/mod_resource/content/0/0692_0001%20barragem%20de%20sobradinho.pdf>
- DOURADO, Walter. **Juazeiro da Bahia à luz da história.** Vol II. Juazeiro/ BA. Edição do autor. 1985.
- DUPAS, Gilberto- **O mito do progresso-** Novos estudos. - CEBRAP no.77 São Paulo Mar. 2007
- ESTRELA, Ely Souza. **Três felicidades e um desengano: A experiência dos beraderos de Sobradinho em Serra do Ramalho- BA.** Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.
- FIORIN, Jose Luiz. **Linguagem e Ideologia.** São Paulo: Ática. 6º edição. 1988
- LIMA, Aurilene Rodrigues. **Memórias dos Lameiros do Velho Chico: Histórias da população transplantada para Quixaba, Sento-Sé BA.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Universidade Federal de Pernambuco, 2004.
- LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado.** São Paulo: Projeto História, vol 17.. nov 1998.
- RABELO, Elson. **Espectros do poder: Uso Político das imagens e discursos da imprensa – o Jornal Rivale, Juazeiro, Bahia-** Interfaces Científicas. Aracaju, 2014; Disponível em <
<https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/1434/996>>
- RIBEIRO, Ana Paula G. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950.** Rio de Janeiro. E-papers, 2007.
- RIBEIRO, Renata Alves. **Os Meios de Comunicação e o Processo de Modernização: as influências nos jornais paulistas-** Universidade Presbiteriana Mackenzie- Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007 . Disponível em <
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0951-1.pdf>>
- SANTOS, Andréa. **Travessias Comunicacionais de um Tipógrafo-Jornalista: José Diamantino de Assis e as Tessituras do Moderno.** Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura), Rio de Janeiro, URFJ, 2016.

Edições Referenciadas nesse artigo

Rivale, 10ª edição – Ano I, em 15 de julho de 1972

Rivale, 30ª edição - Ano II, em 15 de abril de 1973.

Rivale, 47^a edição - Ano II, em 11/12 de agosto de 1973

Rivale, 48^a edição - Ano II, em 18/19 de agosto de 1973

Rivale, 52^a edição - Ano II, em 15/16 de setembro de 1973